

## MÃE HILSA MUKALÊ

*histórias contadas a Marcio Goldman*



# DOLADO DO TEMPO

O TERREIRO DE MATAMBA TOMBENCI NETO  
(ILHÉUS, BAHIA)

2ª edição

Hilsa Rodrigues nasceu no dia 13 de março de 1934. É filha de Izabel Rodrigues Pereira (conhecida como Dona Roxa) — cujo nome de santo era Bandanelunga — e de Valentim Afonso Pereira (Tata Candemburá). Dona Roxa era filha de Tiodolina Félix Rodrigues, Yiatidu, que, em 1885, fundou o terreiro de candomblé *Aldeia de Angorô* em uma roça próxima a Ilhéus, no sul da Bahia. Ao falecer, deixou o terreiro para seu filho mais velho, Euzébio Félix Rodrigues (Tata Gombé), que o levou para o bairro da Conquista, na cidade, e o lhe deu o novo nome de *Terreiro de Roxo Mucumbo*. Euzébio, por sua vez, passou o terreiro para sua irmã, Dona Roxa, que passou a chamá-lo *Terreiro Nossa Senhora Sant'Ana Fé e Razão* e, depois, *Tombenci Neto*.

Aos 12 anos de idade, como filha de Matamba, Dona Hilsa foi iniciada na religião do candomblé de nação angola por Marcelina Plácida Conceição (conhecida como Dona Massu). Quizunguirá (seu nome de santo), por sua vez, era filha de santo de Maria Jenoveva do Bonfim (conhecida como Maria Neném e com o nome de santo de Tuenda de Zambiapongo), do Terreiro Tombenci, em Salvador, primeira mãe de santo angola do Brasil. Hilsa Rodrigues recebeu, então, seu nome de santo: Mukalê.

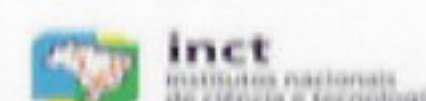
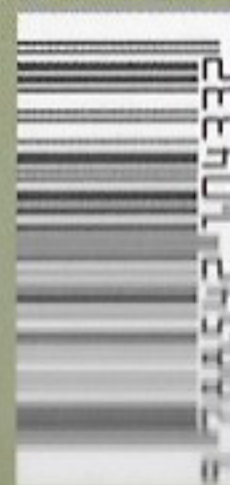
Em 1975, recebeu seu sacafunã, ou seja, o direito de iniciar seus próprios filhos de santo, e deu ao terreiro o nome que tem até hoje: *Matamba Tombenci Neto*. Desde então, Mãe Mukalê (ou Mãe Hilsa Mukalê, como é conhecida) iniciou dezenas de pessoas no candomblé. Além disso, criou seus 14 filhos de sangue, que lhe deram dezenas de netos e bisnetos.

Em 1983, conheceu Marcio Goldman — hoje professor associado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro —, que desenvolveu pesquisas antropológicas em seu terreiro. Marcio Goldman é pesquisador do CNPq e bolsista da FAPERJ; autor de *Razão e Diferença. Afetividade, Racionalidade e Relativismo no Pensamento de Lévy-Bruhl, Alguma Antropologia e Como Funciona a Democracia. Uma Teoria Etnográfica da Política*.

Entre muitas coisas, desse encontro nasceu este livro.

Até hoje as lembranças dessa tarde de sábado ou domingo de janeiro de 1983 me parecem estranhamente nítidas. Acompanhada de seu pai, Valentim Afonso Pereira (que faleceu em 1992), uma mulher belíssima, que aparentava muito menos que seus quase 50 anos e 14 filhos, nos convidou a sentar no pátio localizado na frente de sua residência, que fica contígua ao barracão do Tombenci. Lá, com uma força quase tangível, passou a nos contar a história de seu terreiro, que é também a história de sua família e de sua vida. História que tem, hoje, mais de cem anos, o que é muito difícil de se encontrar fora dos grandes centros da tradição afro-brasileira. E mesmo aí não são muitas as casas que conseguiram manter as memórias e os documentos que dão testemunho dessa resistência secular.

Marcio Goldman



Secretaria de Políticas Culturais

Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

Ministério da Cultura

Ministério da Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA